

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA E OS EFEITOS DE SENTIDOS DE (DES)ENCONTROS SÓCIO-POLÍTICOS

Débora Smaha Corrêa
(UNICENTRO)

Maria Cleci Venturini
(UNICENTRO)

RESUMO

Nosso objeto de estudo é o discurso *sobre* a violência no movimento grevista dos professores paranaenses, ocorrido no ano de 2015. Objetivamos evidenciar como sentidos relacionados à greve de 2015 deslizaram e produziram efeitos de sentidos relacionados à violência, à escolha entre estar do lado da educação ou da violência e ao abuso de poder por parte do governo do Estado. O *corpus* de análise é constituído por duas materialidades, um *outdoor* recortado do espaço urbano da cidade de Guarapuava, veiculado pela APP-Sindicato e um texto-imagem que circulou nas redes sociais e tem em seu centro o enunciado-imagem em que o governador do Estado, Beto Richa, está representado como Adolf Hitler. As análises tem como aporte teórico a Análise de Discurso de linha francesa. Concluímos que o discurso da violência e do abuso de poder sustenta-se a partir do discurso *de* (rememoração) que instaura efeitos de sentidos que sustentam um discurso *sobre* (comemoração) que atualiza sentidos. Redes de memória são constituídas em torno de acontecimentos e de figuras que fazem parte da história e significam como historicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Efeitos de sentido. Redes de memória.

[...] “A língua vai onde o dente doi”, diz Lênin para expressar que o retorno incessante a uma questão que incomoda indica que “há alguma coisa por trás”, confirmando a não-resolução da questão. (PÊCHEUX, 2009, p. 77)

Primeiras palavras

A epígrafe com que iniciamos este texto sinaliza para o retorno de um mesmo acontecimento que afeta a formação social e os sujeitos em geral. Em nosso artigo, este acontecimento tem um nome: greve de professores e indica que ela tem se repetido e tem sido lida/interpretada/compreendida, na formação social, como sendo um conflito, frequentemente marcado pela violência, muitas vezes física e outras vezes simbólica.

Trabalhamos com as greves de professores ocorridas no Estado do Paraná, mais especificamente, com os movimentos grevistas marcados pela forte repressão policial. Estes ocorreram no ano de 1988 e no ano de 2015.

A última greve dos professores do Estado Paraná, deflagrada no ano de 2015, ganhou repercussão mundial devido à maneira violenta com que os professores/manifestantes foram reprimidos pelo governo do Estado. No dia 29 de abril de 2015, o então governador do Estado do Paraná, Beto Richa, que já está no seu segundo mandato, autorizou que a polícia reprimisse de forma violenta os professores/manifestantes, os quais foram alvejados com balas de borracha e gás lacrimogêneo, jatos de água e reprimidos com cães *pitt bulls*. Essa não é a primeira vez que os professores paranaenses são tratados com violência. Em 1988, o dia 30 de agosto ficou conhecido como o dia em que o governador do Estado, Álvaro Dias, permitiu que a força policial montada em cavalos reprimisse os professores que estavam em greve e se manifestavam em frente à Assembleia Legislativa. A data é lembrada como o dia em que os cavalos foram colocados em cima dos professores.

Portanto, essas greves ocorridas no Estado do Paraná, tanto em 1988 como em 2015, distinguem-se das demais manifestações do magistério ocorridas no Estado, pela violência e pela repressão que os sujeitos grevistas sofreram. Diante dessas evidências, nosso objetivo com esse estudo é mostrar como os sentidos relacionados à greve de 2015 deslizaram e produziram efeitos de sentidos relacionados à violência por parte do governo do Estado. Para tanto, constituímos arquivo com materialidades significantes relacionadas à greve dos professores do Estado do Paraná. Para esse estudo recortamos apenas duas materialidades, isto porque encontramos nelas, um discurso que encaminha para efeitos de sentidos relacionados à violência, ao abuso de poder e à escolha entre a violência e a educação.

O primeiro texto-imagem foi recortado do espaço urbano da cidade

de Guarapuava. Trata-se de um outdoor veiculado pela APP-Sindicato, órgão que representa os trabalhadores da educação do Estado do Paraná. O mesmo outdoor foi exposto em vários pontos da cidade, no mês de abril do ano de 2016, alguns dias antes de completar um ano do episódio violento protagonizado pela polícia militar do Estado e pelos professores que estavam presentes na Praça Nossa Senhora da Salette, em Curitiba, no dia 29 de abril de 2015. A escolha recaiu sobre essa materialidade porque ela destaca o antagonismo presente entre o governo do Estado e os professores paranaenses, representados pela APP-Sindicato. Colocando em evidência dois lados: o da educação e o da violência.

A segunda materialidade analisada é um texto-imagem¹ que circulou, nas redes sociais, durante a greve de 2015. E tem em seu centro o enunciado-imagem em que o governador do Estado, Beto Richa, está representado como Adolf Hitler, conhecido líder alemão e chefe do partido nazista, que tinha como um de seus objetivos eliminar os judeus, fazendo isso de forma cruel. Hitler ressoa na atualidade pelo seu antissemitismo, pela sua retórica, pela facilidade em convencer seus contemporâneos e sujeitos-cidadãos alemães por meio de seus discursos e por não medir as consequências na conquista de seus objetivos.

A escolha das materialidades para análise atende ao objetivo desse artigo que é mostrar como o discurso previsto para um movimento grevista que luta por melhorias para a classe trabalhadora desliza e faz ressoar um discurso que traz para o eixo de circulação redes de sentido e memória relacionadas à violência. A Análise de Discurso é a teoria que sustenta nossas posições, tendo em vista que se centra na língua e na história, produzindo sentidos em discursos que emanam de sujeitos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente, conforme Pêcheux (2009).

Esse texto divide-se em quatro partes: a introdução, espaço de apresentação dos objetivos, da teoria e das justificativas, as condições de produção do conflito de abril de 2015, buscando seus efeitos pela Análise de Discurso, disciplina centrada nos processos de constituição de determinados efeitos de sentidos em detrimento de outros que são apagados, invisibilizados.

Condições de produção do conflito do dia 29 de abril de 2015

Os movimentos grevistas caracterizam-se pela união de trabalhadores que suspendem temporariamente o trabalho com o objetivo de lutar por melhores salários e por melhores condições de trabalho. É a

forma que a classe trabalhadora tem de pressionar os patrões, para que suas reivindicações e necessidades sejam ouvidas e atendidas. As origens dos movimentos grevistas relacionam-se com o desenvolvimento do capitalismo e com o surgimento dos sindicatos, que são organizações que buscam defender os direitos dos trabalhadores que representam.

O sindicalismo surgiu devido à expansão do capitalismo na fase de industrialização, em que as máquinas começaram a substituir a mão de obra artesanal. A relação entre os donos dos meios de produção e os detentores da força de trabalho sempre foi desigual, principalmente, porque a classe patronal explora demasiadamente a classe operária. Os trabalhadores têm consciência de que era/continua sendo difícil lutar individualmente contra os patrões, mas que unidos por melhores salários e condições de trabalho ganham força. Esse é o início das organizações sindicais.

A classe dos professores também aderiu ao sindicalismo, bem mais tarde que os operários, de acordo com Dal Rosso e Lúcio

É marcante do sindicalismo docente a formação tardia das organizações associativas e sindicais. Se o sindicalismo brasileiro em outros setores de atividade, tais como a indústria, começou a organizar-se ao final do século XIX, o sindicalismo docente começa a estruturar-se setenta e cinco anos mais tarde (DAL ROSSO e LÚCIO, 2004, p.114).

Cabe destacar que os funcionários públicos somente conquistaram o direito de sindicalizar-se com a Constituição de 1988, que garantia aos mesmos o direito de organizarem-se em sindicatos e também o direito de greve. Pensando nos professores, funcionários do Estado, temos que estes se organizavam, anteriormente, de maneira associativa para tratar dos problemas relacionados à profissão.

No Estado do Paraná, os professores são representados pela APP-Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná, a qual se responsabiliza pela representação de

[...] professores(as), pedagogos(as) e funcionários(as) de pré-escola, ensino fundamental, médio e especial, independente do regime jurídico; das redes públicas estadual e municipais do Paraná. A APP-Sindicato também representa os professores da rede municipal em municípios onde não houver sindicatos próprios.(APP-SINDICATO)

Os movimentos grevistas, desde sua origem, têm sido tratados como caso de polícia e as greves são significadas, na formação social,

como indício de bagunça, de desordem. Sabemos pela história que, já nas primeiras greves, os operários brasileiros foram reprimidos pela força policial. Em seu estudo sobre a formação da classe trabalhadora carioca, Marcelo Badaró Mattos afirma que

Os estudos sobre a origem das instituições policiais contemporâneas, em diferentes cenários nacionais do Ocidente, coincidem em demonstrar que algumas das principais atribuições das polícias, a partir do momento em que começaram a se profissionalizar, fogem do controle das formas de vida alternativas em relação ao assalariamento, assim como a vigilância sobre os instrumentos de organização, além da repressão das estratégias de luta da classe trabalhadora (MATTOS, 2004, p.44).

Desde esse passado até os dias atuais, pouca coisa mudou e, ainda, o que se vê é a polícia contra os manifestantes grevistas. No Estado do Paraná, com a relação à greve da classe dos docentes não foi diferente. Eles foram reprimidos violentamente pela força policial tanto em 1988 como em 2015. Dessa forma, o discurso que ressoa desses dois movimentos e os efeitos de sentidos decorrentes deles sinalizam para efeitos de sentidos relacionados à violência, à coerção, mas também para a resistência.

A greve dos professores da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná iniciou no dia 09 de fevereiro de 2015, tendo em pauta muitas reivindicações, mas a principal que deu início à greve diz respeito ao pedido dos professores para que o Governo retirasse do Legislativo o projeto de lei que muda o fundo de previdência dos servidores. Isso significa que o governo tem interesse em retirar uma série de direitos já incluídos no Plano de Cargos e Salários dos docentes; Além de almejar a transferência de 8,5 bilhões de reais da previdência dos servidores para a caixa do governo. Isso tudo com o objetivo de amenizar a crise financeira que o Estado vem passando. Após um período longe das salas de aulas, os professores fizeram um acordo com o Governo do Estado que assinou uma carta compromisso, definindo propostas para as reivindicações e as aulas foram retomadas no início do mês de março.

Contudo, no dia 27 de abril de 2015, inicia-se outro período de greve devido ao descumprimento por parte do governo do Estado de itens propostos na carta compromisso, como por exemplo, o debate com os profissionais da educação sobre o projeto de lei que previa mudanças na previdência dos professores. Assim, no dia 29 de abril, dia da votação desse projeto na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, os professores foram impedidos de assistir à votação do projeto pelos deputados.

Policiais militares em grande número cercaram o prédio da Assembleia para impedir a passagem dos professores. Estes, mesmo diante de um cordão de isolamento feito pela polícia tentaram entrar na Assembleia e então foram reprimidos violentamente com balas de borracha, cães, bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, jatos d'água, spray de pimenta.

O resultado do confronto foi mais de 200 pessoas feridas entre servidores e jornalistas. Muito se falou sobre os excessos da ação policial, que repercutiu mundialmente e marcou negativamente a história da educação paranaense. Após os conflitos, o governador do estado sanciona a lei da previdência e um saldo superavitário de 8,5 bilhões de reais é retirado da previdência dos servidores e transferido para o caixa do governo. A greve ainda estendeu-se até o dia 09 de junho de 2015 quando os professores decidem em assembleia retomar as atividades.

Materialidades e análises

Nas materialidades, que analisamos a seguir vemos que os sujeitos-autores das mesmas, realizam um gesto interpretativo em relação aos acontecimentos ocorridos durante a greve dos professores do Paraná, no ano de 2015. Conforme Orlandi

O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história (ORLANDI, 2007, p.18).

A autora considera, ainda, que a interpretação sempre acontece de algum lugar da história e da sociedade. Em nossas materialidades, o gesto de interpretação tem como ponto marco um acontecimento desencadeado na formação social e que ficou marcado na história da educação paranaense. Os sujeitos-autores tiveram a possibilidade de decidir sobre a direção dos sentidos relacionados ao acontecimento. Nesse sentido, Orlandi (2007, p.31) afirma que “os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade”. Nas materialidades que analisamos, os sentidos encaminham para a violência, para a escolha entre estar do lado da educação ou da violência e ao abuso de poder.

Texto-imagem e os sentidos constituídos na pela memória



Texto-imagem 1. Fonte: arquivo pessoal

Este texto-imagem foi recortado do espaço urbano da cidade de Guarapuava, trata-se de um *outdoor* veiculado pela APP-Sindicato, exposto em vários pontos da cidade, com o objetivo de não deixar que seja esquecido o “massacre”² ocorrido em 29 de abril de 2015, durante a greve dos professores do Paraná.

Sabemos que a função primeira de um *outdoor* é anunciar um produto de forma a chamar atenção de consumidores. Eles fazem parte das cidades, são intervenções urbanas que produzem sentidos. Estão nas ruas, praças, avenidas, acessíveis a toda a população. Dessa forma, os cidadãos estão sempre em contato com essa materialidade da mídia, que possui proporções ampliadas e relaciona-se com o conceito de impacto da comunicação. No caso do texto-imagem, em questão, não temos o anúncio de um produto, mas aqui o *outdoor* foi uma maneira que a APP-Sindicato encontrou de chamar atenção dos sujeitos que circulam pela cidade, para que estes se lembrem do “massacre” ocorrido no ano anterior.

Podemos dizer que a APP-Sindicato busca não permitir que esse dia seja esquecido³, e dessa forma administra quais acontecimentos devem fazer parte da história. O discurso presente no texto-imagem faz com que coloquemos em suspenso os efeitos de sentidos constituídos para que o dia 29 de abril de 2015 seja então rememorado/comemorado. De acordo com Venturini (2009, p.73), “a rememoração ocorre na dimensão não linear do dizer e ocupa o espaço do já-dito e do significado antes, em outro

lugar, cujo retorno ocorre pela repetição, que, de um lado, estabiliza os sentidos e, de outro, instaura o novo” lembrando que o discurso de rememoração é tomado como discurso *de*. Já o discurso *sobre* (comemoração) “traz para o intradiscurso outros enunciados, que atuam como seus fundadores” (VENTURINI, 2009, p.79).

A APP-Sindicato coloca em circulação no espaço urbano um discurso que ressoa o efeito de sentido de fazer os sujeitos que circulam pela cidade crerem que o governo do estado do Paraná está do lado da violência enquanto a APP-Sindicato e os sujeitos que representa estão do lado da educação. Isso só faz sentido pelo trabalho da memória, pois nesse texto-imagem há um discurso de (rememoração) que instaura efeitos de sentidos a partir das cores predominantes, no texto-imagem, sustentando um discurso sobre (comemoração) que atualiza sentidos.

Do lado da violência, temos um texto-imagem (possivelmente o registro de um fotógrafo) do dia 29 de abril, em que se vê um sujeito de costas, correndo em meio a fumaça dos gases lançados pela polícia militar. É uma imagem bem escura que vista de longe a impressão é que está tudo preto e sabe-se que a cor preta ressoa luto, morte, medo, violência, tristeza. Para Orlandi (1999, p.29) “o negro tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da “direita” em sua expressão política”. Em contrapartida “a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias transformadoras” e é essa a cor escolhida para estar do lado da educação. Pelo vermelho, também, ressoa sangue, luta, além de ser a cor do Partido dos Trabalhadores (PT) que sempre esteve ligado aos movimentos sindicais.

Cabe destacar que os efeitos de sentidos mobilizados pelo uso dessas cores não podem ser controlados pelas APP-Sindicato. Afinal, para os sujeitos que não fazem parte da formação discursiva de esquerda, que não simpatizam com o partido dos trabalhadores a cor vermelha vai ressoar negativamente.

Consideramos que a APP-Sindicato exerce a função de sujeito porta-voz dos trabalhadores da educação do Paraná. A noção de sujeito porta-voz originou-se em Conein (1980) e foi retomada por Pêcheux (1982/1990), ambos tratavam desse conceito como próprio do discurso político.

O porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em

formação e também em contato imediato com o adversário exterior (PÊCHEUX, 1990, p.17).

A APP-Sindicato assume a função de representante dos trabalhadores da educação e, ao dizer “do nosso lado a educação”, se coloca como porta-voz dessa classe. Junto com seus membros é o “nós” que salva a educação. Esse efeito de sentido aparece também nos textos-imagem dos livros presos a uma corda, que ainda não caíram por um único fio. Esse fio é o sindicato dos professores, que sustenta a educação. De acordo com Venturini (2012, p.295), quando a posição de porta-voz é assumida, o que se espera do sujeito é que ele fale em nome *de* e que faça parte da mesma formação discursiva do sujeito em nome do qual fala. Ou seja, o sujeito porta-voz deve identificar-se com a formação discursiva que representa.

No texto-imagem, encontram-se bem definidas duas formações discursivas uma que comporta o Estado do Paraná junto com a repressão violenta ocorrida no dia 29 de abril. E outra da APP-Sindicato e os professores paranaenses, que estão com a educação. Dessa maneira, o efeito de sentido que se sobressai é de que o Estado do Paraná não está junto com a educação, mas sim com a violência que reprime aqueles que deixam as salas de aula para ir às ruas lutar pelos seus direitos. É importante salientar que essa divisão entre dois lados é criada e determinada pela APP-Sindicato, sendo que não cabe aos sujeitos cidadãos a escolha de decidir quem está de qual lado, pois isso já foi posto pelo discurso da APP-Sindicato. Dessa maneira, retomamos a tipologia discursiva proposta por ORLANDI (1999, 2003) que distingue discurso lúdico, discurso polêmico e discurso autoritário, e concluímos que no discurso presente no texto-imagem em análise há um discurso autoritário que é definido por Orlandi como sendo

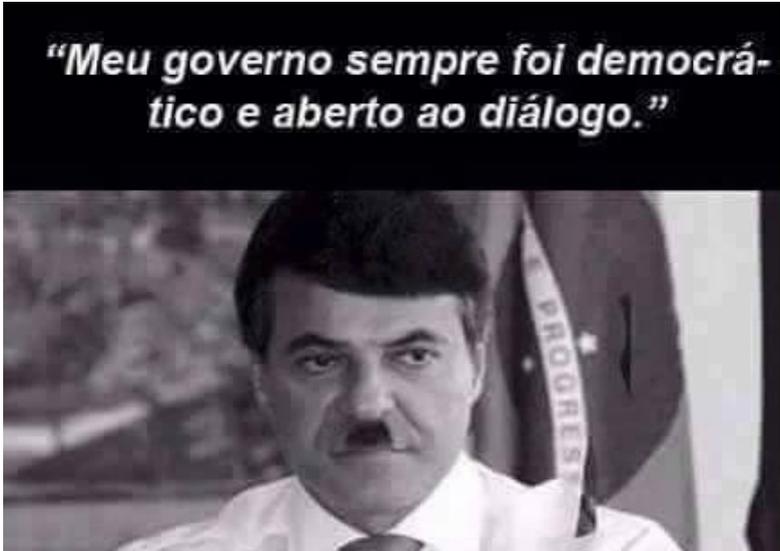
[...] aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando (ORLANDI, 2003, p.154).

O agente exclusivo do discurso é a APP-Sindicato que coloca dois lados, e nos faz retomar, por exemplo, escolhas como estar do lado do bem ou do mal. Não há um meio termo, ou se está do lado da violência ou da educação.

A APP-Sindicato, como sujeito porta-voz da classe dos trabalhadores em educação, designa o dia 29 de abril de 2015 como o dia do “massacre”.

Não podemos deixar de pensar na rede de memória que pode ser instaurada e levar a efeitos de sentidos relacionados a guerra, destruição, crueldade, morte. Já o governo do Estado, e uma parte da imprensa, denomina o acontecimento do dia 29 de abril como um “conflito” que sinaliza para sentidos mais brandos.

Texto imagem 2: Hitler-Beto Richa



Fonte: busca de imagens do google⁴

Esta materialidade circulou durante a greve de 2015 nas redes sociais. Nela encontra-se o texto-imagem⁵ em que o governador do estado, Beto Richa, está representado como Adolf Hitler. Fazemos uma leitura do texto-imagem a partir da noção de enunciado-imagem, desenvolvida por Venturini (2009), porque este significa pelo interdiscurso, e, na materialidade, acima elementos do pré-construído são incorporados e voltam a circular, produzindo efeitos de sentido. Conforme Venturini (2009, p.130) “os enunciados-imagem constituem-se por redes parafrásticas e repetem o mesmo, mas rompem com a linearidade do discurso, promovendo a ruptura e o estranhamento”. Isso significa dizer: o mesmo bigode, o mesmo cabelo, a mesma posição e, ao mesmo tempo questionar: é o mesmo? Podemos responder quase que imediatamente que não. As condições de produção de formulação do texto-imagem sinalizam que ele é sempre outro e é por isso que o entendemos como enunciado-imagem, pois, se o ti-

rarmos desse lugar, ele vai significar diferentemente. Hitler ressoa, nessa materialidade, e no discurso que se constitui a partir dela, pelo bigode, pelo cabelo e pela gravata. Esses enunciados fazem retornar pela memória esse homem da História, mas retorna, também, o discurso em torno dele. Tais enunciados aproximam a atuação de Hitler e Richa, como sendo dois ditadores que vão além do que é permitido a um homem de Estado. Trata-se, como sempre dizemos, a partir de Orlandi (1999) de um processo de transferência, de espaços de memória que mobilizam distintos domínios discursivos, conforme Pêcheux (2008, p. 19) “espaços de memória que ele convoca e já começa a reorganizar”.

No enunciado-imagem, o bigode do ditador nazista, Adolf Hitler, é deslocado e passa a constituir o sujeito governador do Estado do Paraná. Podemos dizer que o bigode é uma metonímia, ou seja, uma parte pelo todo. É como se Hitler juntamente com suas ideias nazistas, sua crueldade e abuso de poder, estivesse presente no texto-imagem, é uma ausência na presença. Afinal, o bigode é uma característica marcante do ditador nazista. A partir dessa metonímia, temos então uma metáfora, que leva a efeitos metafóricos que produzem efeitos de sentidos. Pêcheux (2010, p. 96) chama de

[...] efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural” [...].

Orlandi (1999, p.44) define a metáfora “como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam”. No texto-imagem 2, as características de Hitler são transferidas, a partir da metonímia do bigode, para o governador do Estado do Paraná, fazendo circular efeitos de sentidos negativos em relação ao governador. Falamos em sentidos negativos, pois amparamo-nos na história, mas principalmente na historicidade que rodeia a figura de Adolf Hitler, lembrado pelas suas atitudes violentas e por ser antissemítico.

É possível afirmar que o discurso em torno de Hitler funciona como um discurso *de* (rememoração) que sustenta o discurso da atualidade discurso *sobre* (comemoração). Agora, com a atualização dos sentidos em circulação temos então o efeito de sentido que toma o governador do esta-

do Paraná, Beto Richa como um ditador cruel. Sentidos sobre Hitler, que estavam estabilizados, voltam a circular e produzir efeitos no ano de 2015.

Dentre esses sentidos que retornam destacamos as teses racistas e antissemitas. Hitler e seus aliados

[...] chegaram ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, acreditavam que os alemães eram “racialmente superiores” aos judeus, por eles considerados como uma ameaça externa à chamada comunidade racial alemã. As autoridades alemãs também perseguiram outros grupos por sua dita “inferioridade racial”: ciganos, deficientes físicos e mentais, e alguns povos eslavos (poloneses e russos, entre outros). Outros grupos eram perseguidos sob pretextos políticos, ideológicos e comportamentais, entre eles os comunistas, os socialistas, as Testemunhas de Jeová e os homossexuais (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO).

O regime nazista pretendia exterminar esses sujeitos com a justificativa de que eles eram impuros e somente os puramente alemães pertencentes à raça ariana é que tinham valor. Essa perseguição e extermínio ficaram conhecidas como Holocausto, e daí surgiram os campos de concentração, onde os perseguidos eram levados e forçados a trabalhar e, posteriormente, os que sobreviviam as péssimas condições que se encontravam eram mortos. Sabe-se que, nos campos de concentração, havia câmaras de gás usadas para execução dos prisioneiros.

Tudo isso faz parte do imaginário em torno de Hitler, de pré-construídos sobre ele e o fato do governador do estado do Paraná ter sido comparado ao ditador nazista faz retornar memórias relacionadas a essa perseguição desmedida que ocorreu durante o regime nazista. A questão da perseguição ressoa, mas agora os perseguidos são os professores, que foram reprimidos, com a justificativa de que os policiais apenas se defenderam dos manifestantes fazendo um cordão de isolamento em frente à Assembleia e, como os professores/manifestantes tentaram entrar da mesma maneira, eles reagiram para garantir a integridade física dos deputados que estavam na Assembleia. Abaixo segue a justificativa do governador:

A solicitação de presença de policiais [na Assembleia] veio do Judiciário, uma determinação que nós cumprimos. A estratégia e contingente de policiais cabe ao comando da polícia e ao Secretário de Segurança Pública. As informações que recebo é que os policiais fizeram um cordão de isolamento do prédio da Assembleia em respeito a essa instituição burocrática, que não poderia ser invadida, pois os deputados corriam risco de integridade física.

Naturalmente os PMs reagiram, até para defender suas integridades físicas, uma reação até natural. Orientei o nosso secretário de Segurança que evitasse ao máximo o confronto e que ninguém saísse ferido. Esse era o nosso desejo, disse Richa (UOL EDUCAÇÃO, 2015)

Esse discurso instaura efeitos de sentidos negativos em relação ao imaginário dos professores paranaenses, afinal o governador os coloca como aqueles que poderiam ameaçar a integridade física de policiais e deputados, além de estarem desrespeitando uma instituição burocrática. Os sentidos deslizam e de professores/educadores passam a ser bagunceiros/ameaçadores.

Não podemos deixar de destacar o texto escrito que aparece entre aspas, entende-se que seja uma transcrição da fala do governador. Se relacionarmos o texto escrito “Meu governo sempre foi democrático e aberto ao diálogo” com o texto-imagem constitui-se um efeito de sentido de ironia, afinal diálogo e democracia não identificam o poder ditatorial que Hitler exercia.

A designação “Beto Hitler” circulou bastante durante as manifestações dos professores, especialmente após o dia 29 de abril. Nesse enunciado, também temos um caso de metáfora em que há a tomada de uma palavra pela outra:

Beto Richa

Beto Hitler

O sobrenome de Hitler é transferido para o governador do Estado do Paraná e, assim como aconteceu no caso do bigode, passou a funcionar um efeito de sentido negativo em relação ao imaginário em torno do governador. Cabe destacar que, neste trabalho, não estamos tratando do sujeito empírico governador do Estado do Paraná, mas sim de um texto-imagem que circulou durante a greve dos professores do Paraná no ano de 2015 e constitui um discurso que retorna de outro discurso, constituindo redes de sentidos.

Efeito de conclusão

O objetivo de nosso artigo desde o início foi mostrar como dizeres foram mobilizados e atualizaram sentidos em torno de um acontecimento: o movimento grevista de professores do Estado do Paraná, ocorrido no ano de 2015. Verificamos essa atualização em dois textos-imagens que

evidenciam a violência física e simbólica ocorrida durante o movimento grevista dos professores do Paraná.

E concluímos que o discurso da violência, da escolha entre estar do lado da educação ou da violência e do abuso de poder sustenta-se a partir do discurso *de* (rememoração), que instaura efeitos de sentidos que sustentam um discurso *sobre* (comemoração), que atualiza sentidos. Redes de memória são constituídas em torno de acontecimentos e figuras que fazem parte da história.

No primeiro texto-imagem que circulou no espaço urbano da cidade de Guarapuava, dois lados são definidos pela APP-Sindicato o da violência e o da educação, e essa oposição faz funcionar um discurso autoritário, pois não existe um meio termo, o que ressoa uma escolha entre o bem ou mal. Esse discurso é sustentado pelo trabalho da memória, pois, no texto-imagem, temos um discurso *de* (rememoração) que instaura efeitos de sentidos a partir das cores predominantes (preto/vermelho), que sustentam um discurso *sobre* (comemoração) que atualiza sentidos.

No texto-imagem, que circulou nas redes sociais, a violência e o abuso de poder são evidenciados pelos pré-construídos em torno de Adolf Hitler. O governador do Estado do Paraná e o ditador nazista ressoam e se constituem um pelo outro pelas memórias relacionadas à violência, à crueldade, à perseguição e ao abuso de poder que constituem o sujeito governador.

Portanto, a partir do que foi posto em circulação pelos dois textos-imagens, ressoa um discurso de oposição ao governo do Estado. Os sujeitos-autores dos textos-imagens, ao significarem os acontecimentos ocorridos durante o movimento grevista, expõem sua posição contrária ao governo.

Sinalizamos também para o funcionamento de duas palavras: “mas-sacre” x “conflito”, que funcionaram para designar os fatos ocorridos no dia 29 de abril de 2015. E que cada uma delas convoca como domínios e faz ressoar diferentes efeitos de sentidos.

HISTORY AND MEMORY AND THE EFFECTS OF SOCIO-POLITICAL (DIS)AGREEMENTS

ABSTRACT

Our study object is the discourse about violence in teachers' strike movement, occurred in 2015. We aim to show how meanings related to the 2015 strike slid and produced effects of meanings related to violence, the choice between being on the side of education or violence and abuse of power by the state government. Analysis corpus is consisted of two materialities, a billboard jagged from urban space of the city of Guarapuava, broadcast by APP-Union and a text-image that circulated on social networks and has at its center the statement-image in which the state governor, Beto Richa is represented as Adolf Hitler. The analysis has as theoretical support the French Discourse Analysis. We conclude that the discourse of violence and abuse of power is sustained from the speech (recall) that establishes effects of meanings that support a speech about (celebration) that updates meanings. Memory networks are established around events and figures that belong to history and mean as historicity.

KEYWORDS: Speech. Meaning effects. Memory networks.

REFERÊNCIAS

APP-Sindicato – Histórico. Disponível em: <<http://appsindicato.org.br/index.php/historico/>>. Data de acesso em: 24 maio 2016.)

DAL ROSSO, Sadi; LUCIO, Magda de Lima. O Sindicalismo Tardio da Educação Básica no Brasil. *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília, DF, ano XIV, nº 33, 2004.

Enciclopédia do Holocausto Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007867>>. Data de acesso: 25-06-2016).

MATTOS, Marcelo Badaró. Greves e repressão policial aos sindicatos no processo de formação da classe trabalhadora carioca (1850-1910). In: MATTOS, Marcelo Badaró (Coord.); COSTA, Branno Hoeherman... [et al.]. *Trabalhadores em greve, polícia em guarda: greves e repressão policial na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto: FAPERJ, 2004.

ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões e deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p.7-24, 1990.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi [et al.]. 4ª. Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69) In: GADET, F; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Mariani... [et al] 4.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2010. p.59-158.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi - 5.ed., Campinas, SP: Pontes, 2008.

UOL EDUCAÇÃO. MEC lamenta violência em protesto de professores no PR. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/04/30/mec-lamenta-violencia-em-protesto-de-professores-em-greve-no-pr.htm>>. Data de acesso em: 25-06-2016

VENTURINI, Maria Cleci. *Imagário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2009.

_____. O sujeito porta-voz é sempre um nós em construção? *Alfa*, v.56, nº1, p. 293-308, 2012.

NOTAS

¹ No primeiro texto-imagem, podemos afirmar que a autoria do mesmo é de responsabilidade da APP-Sindicato. Já no segundo não conseguimos saber quem é o

autor do texto-imagem, sabe-se apenas que ele circulou nas redes sociais durante a greve de 2015.

² É dessa forma que a APP-Sindicato denomina o acontecimento protagonizado pela polícia militar do estado do Paraná e pelos professores grevistas que manifestavam em frente a Assembleia Legislativa.

³ É importante salientar que o dia 30 de agosto de 1988, quando os cavalos da força policial foram colocados em cima dos professores grevistas, também não é que esquecido pela APP-Sindicato. Tanto que, na página do Sindicato há uma publicação de um jornal que trata de temas relacionados a educação cujo nome é “30 de agosto”.

⁴ Em <<https://www.google.com.br/search?q=beto+hitler&sa=X&biw=1366&bih=599&tbm=isch&tbo=u&source=univ&ved=0ahUKEwjwj7vXv4jNAhWBMYYKHR9sANUQsAQIHA#imgrc=-nRD1z8TjpEJIM%3A>>. Acesso em: 02 junho 2016.

⁵ Temos chamado de texto-imagem a materialidade significante em seu todo e enunciado-imagem, os espaços interdiscursivos, conforme Venturini (2009) em que imagens que compõem uma materialidade significante significam pela memória. No texto em análise, o bigode é um enunciado-imagem e nele ressoa Hitler, mas o mesmo bigode poderia, em outro texto fazer com que retornasse Charlie Chaplin e o outro seria Outro, assim como os efeitos de sentidos.

Recebido em: 26/10/2016

Aceito em: 10/06/2017